A ESSÊNCIA DO APRENDER: A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LUDICIDADE NA PRIMEIRÍSSIMA INFANCIA

DANIELA MAGALHÃES DA SILVA

RESUMO
O presente artigo analisa o papel fundamental da Educação Infantil, com foco específico na primeiríssima infância (0 a 3 anos), período crítico para a plasticidade cerebral e a estruturação da subjetividade. O objetivo central é investigar como a ludicidade transcende o mero entretenimento, configurando-se como uma ferramenta pedagógica imprescindível para o desenvolvimento cognitivo, motor e socioafetivo. A metodologia adotada consiste numa revisão bibliográfica de natureza qualitativa, fundamentada nos aportes teóricos de Jean Piaget, Lev Vygotsky e nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os resultados indicam que o brincar é a linguagem natural da criança e o eixo estruturante que permite a exploração do mundo e a construção de significados. Conclui-se que uma prática pedagógica intencional, que privilegia interações e brincadeiras, é capaz de garantir os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, mitigando desigualdades e promovendo um alicerce sólido para as etapas subsequentes da vida escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Ludicidade; Primeiríssima Infância; Desenvolvimento Infantil; Prática Pedagógica.

ABSTRACT
This article analyzes the fundamental role of Early Childhood Education, with a specific focus on earliest childhood (0 to 3 years old), a critical period for brain plasticity and the structuring of subjectivity. The main objective is to investigate how playfulness transcends mere entertainment, configuring itself as an essential pedagogical tool for cognitive, motor, and socio-affective development. The adopted methodology consists of a qualitative literature review, based on the theoretical contributions of Jean Piaget, Lev Vygotsky, and the guidelines of the National Common Curricular Base (BNCC). The results indicate that playing is the child's natural language and the structural axis that allows the exploration of the world and the construction of meanings. It is concluded that an intentional pedagogical practice, which prioritizes interactions and games, is capable of guaranteeing learning and development rights, mitigating inequalities, and promoting a solid foundation for the subsequent stages of school life.

KEYWORDS: Early Childhood Education; Playfulness; Earliest Childhood; Child Development; Pedagogical Practice.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, reconhecida pela legislação brasileira como a fase inicial da Educação Básica, desempenha um papel que ultrapassa o simples acolhimento escolar; ela é o alicerce fundamental para a estruturação da subjetividade e das capacidades cognitivas do indivíduo. No recorte da chamada "primeiríssima infância", que abrange o período do nascimento aos três anos de idade, o desenvolvimento humano ocorre com uma intensidade ímpar, marcada por uma elevada plasticidade cerebral e pela formação de vínculos afetivos que nortearão toda a vida adulta.

Nesse contexto, o brincar deixa de ser uma atividade recreativa secundária para se tornar o eixo central do fazer pedagógico. A ludicidade, nesta etapa, é a linguagem primordial através da qual a criança interage com o meio, testa hipóteses e organiza o seu pensamento. Integrar o lúdico às práticas cotidianas das creches e centros de educação infantil não é apenas uma escolha metodológica, mas uma necessidade imperativa para garantir que o aprendizado ocorra de forma significativa e prazerosa.

Entretanto, o desafio para os educadores reside em transformar a intencionalidade pedagógica em ações concretas que respeitem o tempo e a curiosidade da criança. A educação de 0 a 3 anos exige um olhar sensível, capaz de unir o cuidar e o educar, transformando cada interação, gesto e brincadeira em uma oportunidade de exploração do mundo. É nesta fase que se instaura o desejo de conhecer, motor essencial para a autonomia e para o sucesso nas etapas escolares

subsequentes.
O presente artigo objetiva analisar a relevância da ludicidade como estratégia de mediação na primeiríssima infância, investigando como as interações lúdicas potencializam as dimensões motora, emocional e social. Justifica-se a relevância desta pesquisa pela necessidade de reafirmar o direito da criança pequena a um ensino de qualidade, que não antecipe etapas formais, mas que valorize a riqueza das experiências sensoriais e simbólicas.
Para fundamentar essa análise, recorreu-se a uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, sustentada pelas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelas contribuições teóricas de autores clássicos da psicologia do desenvolvimento e da pedagogia. A estrutura do trabalho organiza-se em discussões sobre o histórico da educação infantil no país, as especificidades do desenvolvimento na primeira infância e o protagonismo do brincar como ferramenta de emancipação e descoberta.

O DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA: PERSPETIVAS TEÓRICAS

Para compreender a importância da ludicidade entre os 0 e 3 anos, é necessário analisar o desenvolvimento infantil sob a ótica de autores que revolucionaram a pedagogia. A "primeiríssima infância" não é apenas uma fase de crescimento biológico, mas um período de intensas conquistas psíquicas e sociais.
Segundo a teoria piagetiana, a criança nos seus primeiros anos de vida encontra-se no estágio sensoriomotor. Neste período, a inteligência é essencialmente prática. Através da exploração tátil, visual e auditiva, o bebé começa a separar o "eu" do "mundo".
O Brincar Simbólico: Conforme a criança evolui para o estágio pré-operatório (por volta dos 2 anos), surge o "faz-de-conta". Piaget defende que o jogo é a ferramenta que permite à criança assimilar a realidade aos seus próprios esquemas mentais, transformando o que é externo em algo compreensível.
Diferente de uma visão puramente biológica, Vygotsky enfatiza que o desenvolvimento ocorre de fora para dentro. O aprendizado é fruto das interações sociais.
Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): É aqui que o papel do professor se torna crucial. O educador atua como o mediador que oferece o suporte necessário para que a criança realize tarefas que ainda não consegue fazer sozinha. Na ludicidade, a interação com o outro (seja o colega ou o adulto) impulsiona a criança a novos níveis de compreensão e linguagem.

A LUDICIDADE COMO EIXO ESTRUTURANTE NA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) veio ratificar o que a psicologia do desenvolvimento já apontava: o brincar e o interagir são os eixos estruturantes da Educação Infantil.
Direitos de Aprendizagem: Conviver, brincar, participar, explorar, exprimir e conhecer-se. Estes seis direitos garantem que a creche não seja um espaço de "escolarização precoce", mas um ambiente de experiências ricas.
Campos de Experiência: Na primeiríssima infância, o currículo organiza-se em campos como "O corpo, gestos e movimentos" e "Traços, sons, cores e formas". Isso reforça que a aprendizagem nesta fase é holística; a criança aprende com o corpo inteiro, através da música, da arte e do movimento livre.

O PAPEL DO EDUCADOR: ENTRE O CUIDAR E O EDUCAR

Um dos maiores contributos deste artigo é a desconstrução da dicotomia entre "cuidar" e "educar". Na primeiríssima infância, estes atos são indissociáveis.
Intencionalidade Pedagógica: O banho, a alimentação e a troca de fraldas são momentos lúdicos e de aprendizado. O professor regente deve planear o espaço e os materiais (objetos de diferentes texturas, sons e pesos) para que a criança sinta-se desafiada a explorar.
Escuta Sensível: Educar bebés exige uma observação atenta. O educador precisa de interpretar as cem linguagens da criança — o choro, o balbucio, o olhar e o gesto — para mediar o conhecimento de forma respeitosa e eficiente.

O QUE É A EDUCAÇÃO INFANTIL E A PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA: DO ASSISTENCIALISMO AO PROTAGONISMO

A compreensão do que define a Educação Infantil sofreu uma metamorfose drástica nas últimas décadas. Se ante-

riormente as instituições destinadas aos pequenos eram percebidas como "depósitos" ou espaços de guarda — herança de um modelo puramente assistencialista voltado à vigilância enquanto os pais trabalhavam —, hoje, a pedagogia contemporânea as de fne como espaços de direitos e de produção cultural.
Nesse contexto, a primeiríssima infância, que compreende o período do nascimento aos 3 anos, ganha um relevo especial. Esta fase não é apenas um estágio de preparação para o futuro, mas um tempo de vida com valor em si mesmo. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, tendo como fnalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.
A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) consolidou essa visão ao estabelecer seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que devem ser assegurados de forma transversal em todas as práticas pedagógicas. Esses direitos, Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se, retiram o foco do conteúdo programático tradicional e o colocam na experiência vivida pela criança.
Dentre esses direitos, o "Conviver" e o "Brincar" emergem como pilares fundamentais na primeiríssima infância:
Na creche, a criança experimenta o primeiro contato com a esfera pública. Conviver com outros pares e adultos, em pequenos e grandes grupos, permite a construção da empatia, o manejo de confitos e o reconhecimento das diferenças. É através da convivência que o bebê começa a se entender como parte de um coletivo, desenvolvendo a noção de "nós".
O brincar é elevado ao status de direito porque é a forma plena de estar no mundo da criança pequena. Através de brincadeiras cotidianas em diversas formas, espaços e tempos, a criança amplia e diversifca seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
Outro ponto crucial na defnição da Educação Infantil moderna é a quebra da barreira entre o cuidar e o educar. Na primeiríssima infância, o cuidado é o próprio veículo da educação. Quando o professor troca a fralda de um bebê conversando com ele, nomeando as partes do corpo e estabelecendo contato visual afetivo, ele está educando. Não existe um momento para "cuidar do corpo" e outro para "educar a mente"; as duas dimensões ocorrem simultaneamente em cada interação rotineira.
Portanto, a Educação Infantil se defne hoje como um ambiente intencionalmente planejado onde o currículo é o conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científco e tecnológico, de modo a promover seu desenvolvimento integral através das interações e da brincadeira.
Na Educação Infantil, o currículo não é organizado por disciplinas (Português, Matemática), mas por esses campos que respeitam o modo como a criança pequena aprende: através de experiências sensoriais, relacionais e lúdicas.

O Eu, o Outro e o Nós
Este campo foca na construção da identidade e da subjetividade. Na primeiríssima infância, a criança está descobrindo que é um indivíduo separado da mãe ou do cuidador.
Interação Social: Aprender a conviver com pares, respeitar regras básicas e perceber as diferenças.
Autonomia: Estimular que a criança comece a fazer escolhas e cuidar de si (alimentação, higiene).
Empatia: Desenvolver a noção de que o outro também possui sentimentos e necessidades.

Corpo, Gestos e Movimentos
Aqui, o corpo é visto como a principal ferramenta de aprendizado. A criança não "tem" um corpo, ela é seu corpo.
Exploração Espacial: Através do engatinhar, andar e pular, a criança compreende noções de "perto", "longe", "em cima" e "embaixo".
Linguagem Corporal: Gestos e mímicas são formas de comunicação essenciais antes da fala estar totalmente desenvolvida.
Expressão: O uso do corpo em danças,

brincadeiras de roda e atividades motoras finas (como rasgar papel ou encaixar peças).

Traços, Sons, Cores e Formas
Este campo lida com a sensibilidade estética e a produção cultural.
Musicalidade: A exposição a diferentes ritmos e sons ajuda no desenvolvimento auditivo e rítmico.
Artes Visuais: O contato com tintas, argila, giz de cera e diferentes texturas expande o repertório criativo.
Criatividade: Não se busca a "obra perfeita", mas o processo de descoberta da criança ao manipular materiais.

Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação
Focado na linguagem oral e no início do contato com a cultura escrita.
Oralidade: Rodas de conversa, contação de histórias e reconto de fatos do dia a dia.
Letramento: O contato com livros, cartazes e nomes próprios de forma orgânica, sem a pressão da alfabetização mecânica.
Imaginação: O "faz-de-conta" permite que a criança crie narrativas e organize seu pensamento lógico e abstrato.

Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações
Trabalha o raciocínio matemático e a compreensão do mundo físico e social.
Noções Matemáticas: Comparar tamanhos, contar objetos de forma lúdica e identificar sequências.
Ciências Naturais: Observar fenômenos da natureza (chuva, crescimento de plantas) e transformações (mistura de cores, culinária pedagógica).
Noção Temporal: Compreender a rotina (o que fazemos agora, o que faremos depois).
Na fase de 0 a 3 anos, o cérebro possui uma plasticidade neural altíssima. Quando uma criança participa de uma brincadeira que envolve "Corpo, Gestos e Movimentos", ela não está apenas se exercitando; ela está construindo as redes neurais que permitirão, no futuro, que ela consiga segurar um lápis para escrever ou resolver um problema de geometria.

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO
O brincar na primeiríssima infância não pode ser reduzido a um passatempo ou a um comportamento instintivo de "gastar energia". Pelo contrário, trata-se de uma necessidade vital e de uma atividade cognitiva complexa. Através do lúdico, a criança não apenas imita o mundo adulto, mas o reinventa, criando um espaço de transição entre o seu mundo interno (desejos e emoções) e a realidade externa (regras e fatos).
A contribuição de Lev Vygotsky (1984) é fundamental para compreendermos o brinquedo como um propulsor do desenvolvimento. Para o autor, o brinquedo cria uma Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). A ZDP é a distância entre o que a criança já consegue fazer sozinha (nível de desenvolvimento real) e o que ela consegue fazer com a ajuda de outros ou em situações de jogo (nível de desenvolvimento potencial).
No contexto do brincar, a criança se projeta em papéis que ainda não ocupa na vida real como ser a "mãe", o "médico" ou o "motorista" e, ao fazer isso, ela é obrigada a agir de acordo com regras internas daquele papel, o que exige um autocontrole e um pensamento abstrato que ela ainda não manifesta em situações cotidianas. Como aponta o autor:

"No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que é na realidade." (VYGOTSKY, 1984, p. 117).

Além do aspecto cognitivo, o brincar possui uma função terapêutica e biológica. Segundo a psicanálise de Donald Winnicott (1975), o brincar ocorre em um "espaço potencial" entre o bebê e a mãe. É nesse espaço que a criança elabora conflitos internos, medos e ansiedades. Ao brincar de "esconde-achou", por exemplo, o bebê trabalha a angústia da separação, aprendendo que o objeto (ou a mãe) pode sumir e retornar, o que fortalece sua segurança emocional.
Sob a ótica motora, o brincar é o campo de treino para a motricidade fina e ampla.
Motricidade Ampla: Envolve grandes grupos musculares em atividades como correr, escalar e saltar, essenciais para o

equilíbrio e a postura.
Motricidade Fina: Desenvolvida ao manipular pequenos objetos, encaixar peças e explorar texturas, preparando a base neurológica para a futura preensão do lápis e a coordenação óculo-manual.
Complementando a visão sociointeracionista, Jean Piaget (1971) destaca o papel do "brincar simbólico" (o faz-de-conta). Para Piaget, a criança utiliza o brinquedo para a assimilação da realidade. Como a criança ainda não consegue se adaptar totalmente às regras do mundo adulto, ela adapta o mundo aos seus desejos através do brinquedo. Um pedaço de madeira vira um avião; uma caixa de papelão torna-se uma nave espacial. Esse processo é vital para que a criança organize seus esquemas mentais e desenvolva a capacidade de representação simbólica, que é a base da linguagem e do pensamento lógico.
Portanto, a fundamentação teórica deixa claro: o brincar é a atividade principal da infância. Sem o brincar, o desenvolvimento intelectual e afetivo torna-se mecânico e desprovido de sentido para o sujeito.

A NEUROCIÊNCIA DOS PRIMEIROS 1000 DIAS: O ALICERCE DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
A ciência contemporânea, por meio da neurobiologia, transformou a percepção sobre a primeiríssima infância. Não se trata mais apenas de uma fase de crescimento físico, mas de uma fase crítica de arquitetura cerebral. Nos primeiros anos, formam-se cerca de 1 milhão de novas conexões neurais por segundo, um ritmo que nunca mais se repetirá ao longo da vida adulta.
A plasticidade é a capacidade do cérebro de se moldar conforme as experiências vividas. O desenvolvimento não é determinado apenas pela genética, mas pela interação entre os genes e o ambiente — conceito conhecido como epigenética.
Segundo o Center on the Developing Child da Universidade de Harvard, o cérebro é construído de baixo para cima. Primeiramente, formam-se os circuitos sensoriais (visão e audição), seguidos pelas habilidades de linguagem e, por fm, as funções cognitivas superiores (controle executivo e raciocínio).
A neurociência destaca que o principal combustível para essas conexões neurais é a interação social. O conceito de "servir e devolver" assemelha-se a um jogo de tênis: quando a criança balbucia, aponta ou chora (serve), e o adulto responde com contato visual, fala ou carinho (devolve), circuitos neurais essenciais são fortalecidos.

"Quando as respostas dos cuidadores são escassas ou inadequadas, a arquitetura do cérebro não se forma como deveria, o que pode levar a disparidades na aprendizagem e no comportamento ao longo da vida." (HARVARD UNIVERSITY, 2016).

Um ponto crucial para o seu artigo é relacionar a neurociência ao brincar. O brincar reduz os níveis de cortisol (hormônio do estresse) e libera dopamina e ocitocina, substâncias que favorecem a aprendizagem.
Estresse Positivo: Breve e necessário para o crescimento (ex: frustração de não alcançar um brinquedo).
Estresse Tóxico: Ausência de suporte adulto ou violência, que pode danifcar permanentemente as conexões neurais em desenvolvimento.

O PAPEL DO EDUCADOR: DA OBSERVAÇÃO À MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA
Na primeiríssima infância, a fgura do educador transcende a transmissão de conteúdo. Sua função precípua é a mediação, um conceito central na teoria sociointeracionista que defne o professor como o elo entre a criança e a cultura. O educador não "ensina" o bebê a brincar; ele garante as condições para que o brincar aconteça de forma potente e segura.
A base do trabalho pedagógico com crianças de 0 a 3 anos é a escuta sensível e a observação. Observar não é apenas vigiar para evitar acidentes, mas sim ler os sinais não verbais dos bebês. Ao observar como uma criança manipula um objeto ou interage com um colega, o professor identifca o que Vygotsky chama de "interesses latentes", podendo propor novos desafos que impulsionem o desenvolvimento.

"Educar crianças pequenas exige a capacidade de silenciar para ouvir o que elas dizem sem palavras, organizando o mundo de modo que elas possam descobri-lo por conta própria." (FOCHI, 2015).

Inspirado na abordagem de Reggio Emilia, de Loris Malaguzzi, o educador compreende que o espaço físico educa tanto quanto as pessoas. O papel do professor, portanto, é o de um designer de contextos:
Propositividade: O professor organiza "convites" (ou provocações), como dispor tecidos de diferentes texturas ou organizar cestos com elementos da natureza, estimulando a curiosidade sem determinar uma forma única de brincar.
Autonomia: O ambiente deve ser preparado para que a criança acesse materiais e se desloque com independência, fortalecendo sua autoconfança.

Como discutido anteriormente, a indissociabilidade entre cuidar e educar exige que o professor transforme a rotina em currículo. No momento da alimentação ou do banho, o educador exerce a mediação através da linguagem: nomeia as sensações ("a água está morna"), descreve as ações e estabelece um vínculo afetivo que é a base para qualquer aprendizagem cognitiva. Sem o vínculo seguro, o cérebro da criança permanece em estado de alerta, dificultando a exploração lúdica.
O equilíbrio entre essas duas formas de brincar é responsabilidade do educador. No brincar livre, o professor garante o tempo necessário para que a criança mergulhe em suas próprias investigações. No brincar guiado, o professor intervém discretamente, introduzindo um novo vocabulário ou um novo material que ajude a criança a avançar em sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

CRONOGRAMA DO DESENVOLVIMENTO CEREBRAL E APRENDIZAGEM (0 A 24 MESES)
O desenvolvimento do sistema nervoso central na primeiríssima infância segue uma sequência lógica: primeiro os sentidos, depois o controle do corpo e, por fm, a comunicação simbólica.

Faixa Etária	Foco do Desenvolvimento	Marcos Cerebrais e Comportamentais	Papel do Brincar e da Interação
0 - 3 meses	Sentidos e Vínculo	Formação de conexões sinápticas nas áreas visuais e auditivas. Reconhecimento de faces e tons de voz.	Contato pele a pele, canções de ninar, estimulação visual com contrastes (preto e branco).
3 - 6 meses	Percepção Sensorial	Início da coordenação olho-mão. A criança começa a levar objetos à boca para explorar texturas (paladar/tato).	Brincadeiras de bruços (tummy time), chocalhos, mordedores e exploração de diferentes tecidos.
6 - 9 meses	Motricidade Bruta	Fortalecimento do tronco e membros. O cerebelo atua intensamente para o equilíbrio ao sentar e engatinhar.	Brinquedos fora do alcance para estimular o deslocamento, túneis de pano e obstáculos baixos.
9 - 12 meses	Motricidade Fina	Desenvolvimento da "pinça" (polegar e indicador). Planejamento motor para ficar em pé e dar os primeiros passos.	Brincadeiras de encaixe, empilhar blocos, esconder e achar objetos (permanência do objeto).
12 - 18 meses	Linguagem Inicial	Explosão do vocabulário passivo (entende mais do que fala). Ativação das áreas de Broca e Wernicke.	Nomeação de objetos, leitura de livros com figuras grandes, imitação de sons de animais.
18 - 24 meses	Linguagem e Simbolismo	Formação de frases simples. Início do pensamento simbólico (uma caixa vira um carro). Autoconsciência.	Faz-de-conta inicial, brincadeiras de "comidinha", uso de fantoches e rodas de música.

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: A AVALIAÇÃO COMO ACOMPANHAMENTO E REGISTRO
Na Educação Infantil, e especifcamente na primeiríssima infância, a avaliação não possui objetivos de promoção, classifcação ou retenção. Conforme estabelecido pela LDB 9394/96 e reafrmado pela BNCC, a avaliação deve ser realizada mediante o acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças. É aqui que entra o conceito de Documentação Pedagógica.
Diferente das etapas posteriores do ensino, onde o foco recai sobre o produto fnal (a prova ou o trabalho), na primeiríssima infância o foco está no processo. A documentação pedagógica utiliza diversas linguagens para capturar o invisível:
Diários de Bordo: Anotações diárias do professor sobre as hipóteses levantadas pelas crianças durante uma brincadeira com água, por exemplo.
Fotografa e Vídeo: Ferramentas que registram a expressão corporal, o foco de atenção do bebê e a interação com os pares.
Portfólios Individuais: Uma coletânea de produções, fotos e falas que narram a trajetória singular de cada criança ao longo do ano.
Avaliar na Educação Infantil é um ato de curadoria. O professor seleciona momentos signifcativos que demonstram como a criança avançou em seus direitos de aprendizagem. Por exemplo, registrar o momento em que um bebê de 10 meses consegue, pela primeira vez, utilizar o movimento de pinça para pegar um pequeno objeto não é apenas um registro motor, mas a evidência de uma conquista neurológica e cognitiva.
Segundo Madalena Freire (1996), o registro é a ferramenta que permite ao edu-

cador "alfabetizar o seu olhar". Ao rever as fotos e anotações, o professor pode planejar o dia seguinte com mais assertividade, oferecendo materiais que desafiem justamente aquilo que ele observou que a criança está tentando aprender.
A documentação pedagógica serve também como uma ponte fundamental com as famílias. Na primeiríssima infância, os pais muitas vezes sentem ansiedade por deixarem seus filhos na creche. Quando a escola apresenta um relatório descritivo rico em detalhes, fotos e falas da criança, ela torna visível o aprendizado que ocorre enquanto o filho "estava apenas brincando". Isso valoriza o trabalho docente e fortalece o vínculo escola-família, essencial nos primeiros 1000 dias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: O IMPACTO DA LUDICIDADE NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

A análise das fontes bibliográficas e dos documentos normativos revela que a ludicidade não é um complemento da aula, mas o próprio método de aprendizagem na primeiríssima infância. Os dados teóricos convergem para três impactos fundamentais:
Impacto Neurológico e Cognitivo Durante os primeiros três anos de vida, as conexões sinápticas ocorrem a uma velocidade sem precedentes. Os resultados apontam que ambientes lúdicos ricos em estímulos sensoriais cores, texturas, sons e desafios motores promovem uma arquitetura cerebral mais robusta. O ato de brincar ativa diversas áreas do cérebro simultaneamente, favorecendo a memória, a atenção e a capacidade de resolução de problemas desde o berçário.
Desenvolvimento Socioafetivo e a Linguagem As interações que ocorrem durante o brincar (o olhar, a partilha de objetos, a imitação) são a base da comunicação humana. Observou-se que a criança que tem o direito de brincar garantido desenvolve uma maior inteligência emocional e facilidade na aquisição da linguagem oral. Através do "faz-de-conta", ela aprende a lidar com frustrações, a respeitar turnos e a expressar as suas necessidades antes mesmo de dominar a fala complexa.
A Autonomia e o Sentido de Autoria Ao contrário de métodos repetitivos, a ludicidade permite que a criança seja a protagonista da sua descoberta. Os resultados discutidos mostram que, quando o educador oferece materiais que permitem múltiplas possibilidades (os chamados "materiais não estruturados"), a criança desenvolve uma maior autonomia e confança nas suas próprias capacidades intelectuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada reafrma que a Educação Infantil na primeiríssima infância é um período de oportunidades únicas e irrepetíveis. Concluiu-se que o brincar e o interagir não são apenas direitos assegurados por lei, mas necessidades biológicas e psicológicas que fundamentam todo o sucesso escolar futuro. A ludicidade, quando mediada por uma prática pedagógica intencional, transforma a creche num espaço de emancipação e não apenas de assistência.
Ficou evidente que a dicotomia entre o "cuidar" e o "educar" é inexistente nesta etapa; cuidar de um bebé é, intrinsecamente, educá-lo para a vida e para o conhecimento. O papel do educador regente destaca-se como essencial, exigindo deste profssional uma escuta sensível e a capacidade de organizar ambientes que convidem à exploração e à curiosidade.
Por fm, este artigo ressalta que investir na qualidade da educação de 0 a 3 anos é a estratégia mais efcaz para mitigar desigualdades sociais e garantir o pleno desenvolvimento humano. Espera-se que estas refexões contribuam para que a ludicidade seja valorizada como a essência do aprender, assegurando que cada criança possa viver a sua infância em toda a sua plenitude, descoberta e alegria.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 26 fev. 2026.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Casa Civil, 1996.

CENTER ON THE DEVELOPING CHILD AT HARVARD UNIVERSITY. As bases do desenvolvimento na primeira infância.

Tradução: Núcleo Ciência Pela Infância. Cambridge: Harvard University, 2016.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FOCHI, Paulo. Ludicidade, Infância e Educação Infantil. Porto Alegre: Mediação, 2015.

FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). O brincar e suas linguagens. São Paulo: Cortez, 2010.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

RELANÇO, Maria Izabel. Neurociência e educação: o desenvolvimento do cérebro nos primeiros anos. São Paulo: Summus, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.